

O Mundo Invertido na obra de Gabriel e Gilberto Colaço

An inverted world at Gabriel & Gilberto Colaço

DIANA COSTA*

Artigo completo recebido a 3 de janeiro de 2018 e aprovado a 17 janeiro 2018

*Portugal, Artista Visual.

AFILIAÇÃO: Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), & Universidade de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA). IPBeja, Rua Pedro Soares, Campus do Instituto Politécnico de Beja. Apartado 6155. 7800-295 Beja, Portugal. Email: dianagodinhocosta@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe apresentar a definição e significação dos objetos do corpo de trabalho de Gabriel e Gilberto Colaço: interrogando sobre o aspeto da sua estrutura, situando o seu lugar e a sua função e/ou a sua perceção e representação no sistema do sentido. Estudar atentamente a articulação sistemática das substâncias em causa, dar à sua própria heterogeneidade uma interpretação estrutural. Trata-se de um descobrir da história das formas e suas representações. O estudo compreende as obras presentes na exposição "Territorial" que esteve patente na Galeria Mute de 26 de Maio a 25 de Junho de 2016.

Palavras chave: Mundo invertido / jogo / dimensão / imagem.

Abstract: This article proposes to present the definition and signification of Gabriel and Gilberto Colaço's body of work: questioning about the aspect of its structure, situating its place and its function and / or its perception and representation in the sense system. Study carefully the systematic articulation of the substances in question, to give their own heterogeneity a structural interpretation. It is a discovery of the history of forms and their representations. The study comprises the works present at the "Territorial" exhibition that was evident in the Mute Gallery from 26 May to 25 June 2016.

Keywords: Upside down world / game / dimension / image.

A pertinência deste artigo cinge-se ao entendimento dos caminhos e estratégias definidos por Gabriel e Gilberto Colaço na definição e elaboração da exposição “Territorial”.

Na procura e reflexão sobre o que fazer, sobre o que criar, os artistas direcionam a sua pesquisa para um aprofundamento do pensamento operativo e especulativo centrado na junção de duas realidades, e na forma de traduzir e criar um produto reflexo desse pensamento duplo. Partem do visível, neste caso, do exterior, expressam-se não por uma opção plástica próxima ao natural, mas por uma abordagem planificada das formas e da cor. Deste modo, manifestam a expressão do objeto arquitetónico pela demonstração de equilíbrio, pela luz e pela sensibilidade cromáticas.

Considera-se que a exposição está dividida em dois segmentos: o primeiro bidimensional, caracterizado pela pintura sobre tela e papel e, o segundo, tridimensional, caracterizado pelo valor escultórico apresentado num formato de instalação. O segmento que se pretende realçar neste artigo é o primeiro, onde a temática se apresenta como uma junção de “dois mundos”: o verdadeiro e o invertido.

As obras apresentam-se como ilhas flutuantes, onde podemos observar toda a parte inferior da ilha que, no entanto, em vez de ser uma estrutura de rocha e terra (propriedades reais), apresenta-se como um reflexo da parte superior. Se fizermos uma rotação de 180º do papel assistimos a uma outra narrativa a vir á superfície (Figura 1, Figura 2).

A propósito desta reflexão, recorda-se a série *Stranger Things*, de ficção científica, criada, escrita e dirigida pelos irmãos Matt e Ross Duffer. Na trama, um menino desaparece misteriosamente na pequena cidade de Hawkins, Indiana, e faz com que os seus amigos entrem numa busca perigosa pelo seu paradeiro e, no caminho, encontram uma estranha menina com poderes telecinéticos. Ela vai ser a chave para descobrir o *Mundo Invertido* e extrair Will, o menino desaparecido, dessa dimensão espacial. Trata-se de uma realidade paralela, que neste caso, assume uma narrativa sombria e perigosa, onde, de forma reflexa e invertida, mostra todas as características arquitetónicas e geográficas da cidade de Hawkins, mas com 180º de inversão, como se estivesse submersa.

O *Mundo Invertido* foi a terminologia escolhida para definir este conjunto de obras, que espelham a capacidade para nos aludir para outras dimensões, conduzindo-nos por vezes a horizontes de espiritualidade, ilusão ou até pesadelo. São trabalhos que evidenciam aspetos da pintura, da arquitetura e da fantasia, e o modo como estes se aproximam e se distanciam, criando, assim, uma nova abordagem para a realidade observada.



Figura 1 - Gabriel e Gilberto Colaço, 2016,
Alinhamento 7, acrílico sobre papel, 50 x 50cm.
Fonte: Fornecida pelos artistas.

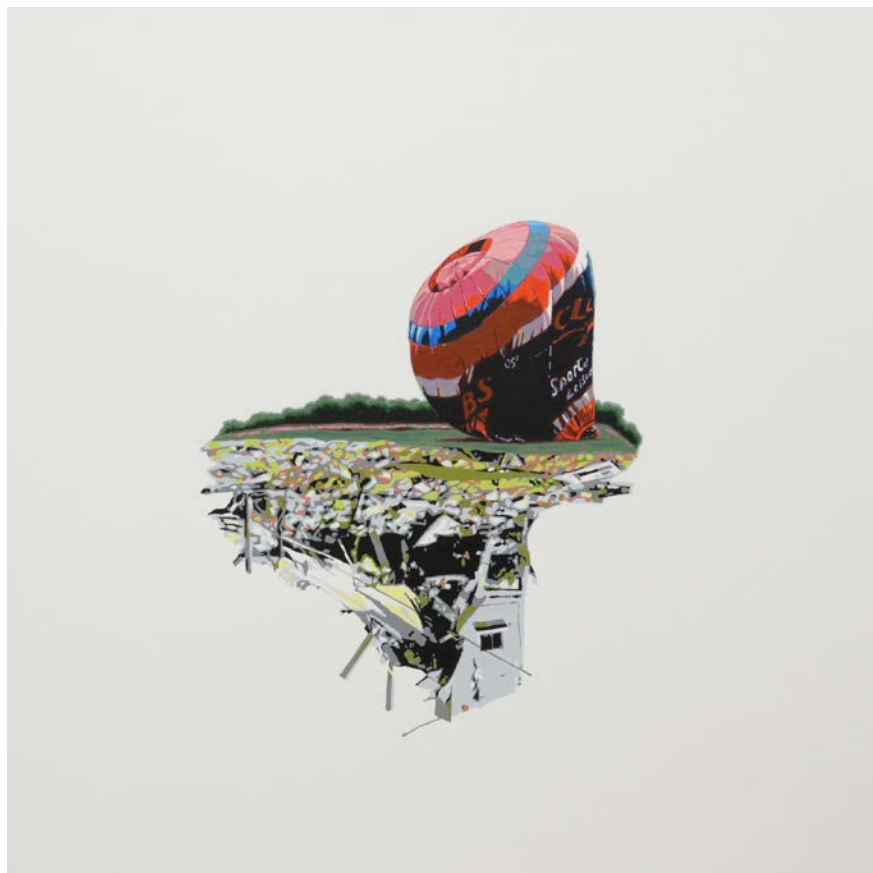


Figura 2 · Gabriel e Gilberto Colaço, 2016,
Alinhamento 11, acrílico sobre papel, 50 x 50cm.
Fonte: Fornecida pelos artistas.



Figura 3 · Gabriel e Gilberto Colaço 2016,
Alinhamento 8, acrílico sobre papel, 50 × 50cm.
Fonte: Fornecida pelos artistas.

O *Mundo Invertido* poderia ser considerado nestas obras como uma dimensão espacial paralela que coexiste com a nossa própria, uma dimensão que é um reflexo ou um eco do nosso mundo. Deixa-nos também as questões: qual a posição final da imagem? Qual é reflexo e qual é o verdadeiro? São narrativas simultâneas?

À luz da física teórica de hoje, eventuais outros universos podem existir sem problemas, contanto que estejam em “outras dimensões” (um conceito postulado por Theodor Kaluza e Oscar Klein, dois físicos do início do século 20). Kaluza propôs que, se o nosso universo tivesse quatro dimensões de espaço (em vez das três que conhecemos), a gravidade funcionaria de acordo com as equações que regem o eletromagnetismo. Ou seja: a gravidade seria tão poderosa quanto a força eletromagnética.

Este conjunto de obras de Gabriel e Gilberto Colaço, as ilhas, gravitam no espaço e espelham duas dimensões: a real e a invertida, no entanto, no espaço invertido espelham-se e codificam-se formas que expressam mensagens comunicativas abertas à decodificação (Figura 3).

O trabalho gera-se por referência à realidade. Pela sua forma processual gera novos códigos para o exercício da percepção. Parte da realidade e volta sempre a ela, retirando e reinserindo novas fórmulas de sensação, como os elementos de felicidade, de satisfação que se formulam num tempo e espaço específico, em contraste com elementos eventualmente opostos, com evidentes traços de destruição e decadência. Possui um devir, que necessariamente nos obriga a fazer uma leitura vertical em efeito ping-pong, onde procuramos sempre a leitura do que está no espaço inverso como consequência do espaço “real”.

Cria uma *retórica visual*, tendo em conta que refere uma mensagem icônica cujas leis são autónomas em relação às das mensagens verbais mas que podem agir sobre o espectador de maneira próxima. A ligação entre o real e não real gerado pelas imagens origina um sistema de pensamento visual. A imagem vale por si ou pelo que quer dizer? A imagem pode ser tão forte como o mundo real e exprimir-se ou a imagem é só o seu sentido figurativo? Pela eficácia da imagem para traduzir significados, utilizam-na para converter um discurso real num sistema visual.

Na arte, a ideia que temos da imagem está sempre interligada à representação visual, e é tema de reflexão para a filosofia desde os tempos mais antigos.

Gabriel e Gilberto, situam-se no campo da produção de imagens. Implica terem uma série de ferramentas à sua disposição para arquitetar uma ideia. É necessário efetuar a escolha certa dos elementos perante as várias possibilidades para conseguir construir uma ideia. Há relação evidente com a linguagem escrita. Os termos ligados ao discurso verbal surgem com frequência quando se

aborda a realidade visual/plástica: faz-se a *leitura de uma obra*, referimo-nos ao *vocabulário visual* em geral ou ao de um artista em particular. A comunicação visual funciona como uma estrutura que não é coincidente com a estrutura verbal. Enquanto a estrutura verbal obedece a regras determinadas pela necessidade comunicacional codificada, as estruturas de comunicação visual são diversificadas, como se verifica na *linguagem* que cada artista adota, na expressão plástica.

A literacia visual abarca um nível mais simples, como em qualquer estrutura do conhecimento, leitura das imagens do quotidiano, e um nível mais específico, de elaboração crítica de imagens complexas. Trata-se de uma capacidade de ler e interpretar as imagens, deste modo, é possível relacionar os modos de leitura entre texto e imagem: a escrita está para a literacia (em termos genéricos), como a imagem está para a literacia visual (Felten, 2008).

O indivíduo *visualmente* culto deverá desenvolver significados a partir de formas mais simples da imagem, como uma fotografia de jornal, de formas mais complexas, no caso de objetos artísticos, sendo capaz de ultrapassar as narrativas visuais mais comuns. O contacto com diferentes formas de linguagem icónica é benéfico para o desenvolvimento da literacia visual. O grau de compreensão dos conteúdos significativos e de formas visuais mais convencionais que os media permanentemente divulgam depende do grau de informação de cada indivíduo. A literacia visual cria funcionalidades visuais, abertura de juízos e capacidade crítica, nomeadamente no que se refere aos meios de comunicação de massas, cada vez mais dominantes na sociedade de consumo.

Estudar a imagem e atribuir-lhe uma informação visual constituída por vários signos, é o mesmo que reconhecê-la como discurso, logo, como um instrumento de comunicação e expressão. Pode-se reconhecer que uma imagem é constituída sempre por uma mensagem para o outro.

O simbólico de uma representação é um intermediário entre a realidade reconhecível e o reino do místico e invisível da fantasia, entre o que é conscientemente compreensível e invisível.

Como se justifica esta simbologia e realidade paralela nas obras de Gabriel e Gilberto? Será que esta dupla visão se acentua e se define por serem dois os artistas intervenientes e que somam ideias e processos criativos? Ou podemos ir mais longe e dizer que são duas realidades que se espelham porque Gabriel e Gilberto são gémeos? As afinidades artísticas entre os dois artistas são então, para além dos procedimentos operativos, familiares, pois são dois irmãos gémeos. A produção artística decorre como uma parceria, mas ao mesmo tempo como um jogo em que os dois são as personagens principais. A forte relação entre ambos também se reflete na plasticidade final, no criar e nas formas de

produzir. Têm uma linguagem própria que se funde de tal forma que se torna impossível dizer onde começa e acaba a intervenção de cada um. Ou será possível dizer que um representa o espaço real e o outro o espaço invertido?!

A capacidade de descodificar o grau de compreensão dos conteúdos significativos e das formas visuais é uma capacidade necessária para apreender a arte, mas ao mesmo tempo uma capacidade necessária ao indivíduo comum para aprender a vida e tudo o que o rodeia, daí o paralelismo entre pintura (campo de intervenção no mundo da arte) e o real. *Ler* pintura é descodificar mistérios (seja qual for o campo de intervenção — real ou fantasia).

Só quando a pintura for adequadamente entendida, estudada e definida como algo vital para todos, começará a compreender-se plenamente o potencial desta capacidade humana.

No momento em que se acaba de alcançar uma certa conclusão, apercebemo-nos que se abre um outro campo onde tudo quanto se exprimiu anteriormente pode ser redito ou refeito de outra forma. De maneira que aquilo que encontramos, na verdade, ainda não possuímos, ainda está por descobrir, o achado é o que proclama por novas buscas. “Se nenhuma pintura conclui a pintura, se mesmo nenhuma obra está absolutamente concluída, cada criação muda, altera, esclarece, confirma, exalta, recria ou cria de antemão todas as outras. Se as criações não são algo adquirido, não é apenas porque, como todas as coisas, passam, é também porque têm quase toda uma vida à sua frente.” (Ponty, 1992).

Daí as várias interpretações do *Mundo Invertido*, por exemplo, na obra “Alinhamento 9” o *Mundo Invertido* não parece o mesmo da obra “Alinhamento 6”, as dicotomias divergem, onde numas obras supõe-se serem dimensões paralelas simbolicamente escuras, destruidoras e até explosivas, e noutras, dimensões paralelas mais romantizadas, onde por vezes parece que os contextos se invertem (Figura 4 e Figura 5).

Gabriel e Gilberto representam um *Mundo* onde outros mundos possam coexistir. E com esta reflexão recordamos a obra cinematográfica *Interstellar* que apresenta um aspeto interessante relativamente às dimensões paralelas, que faz parte do mundo e da ciência moderna, da ficção científica e dos mitos da antiguidade: a viagem no tempo. *Interstellar* é um filme anglo-americano de ficção científica dirigido por Christopher Nolan estrelado por Matthew McConaughey, Anne Hathaway, entre outros. Ele conta a história em que a Terra é um planeta devastado, onde os estudiosos de todas as áreas procuram mundos viáveis à habitabilidade humana e que possa evitar a extinção da Humanidade. A comunidade científica acredita que a solução pode estar nas pontes de Einstein-Rosen (buracos negros), portais que possibilitam a ligação entre mundos paralelos, indepen-



Figura 4 - Gabriel e Gilberto Colação , 2016,
Alinhamento 9, acrílico sobre papel, 50 x 50cm.
Fonte: Fornecida pelos artistas.

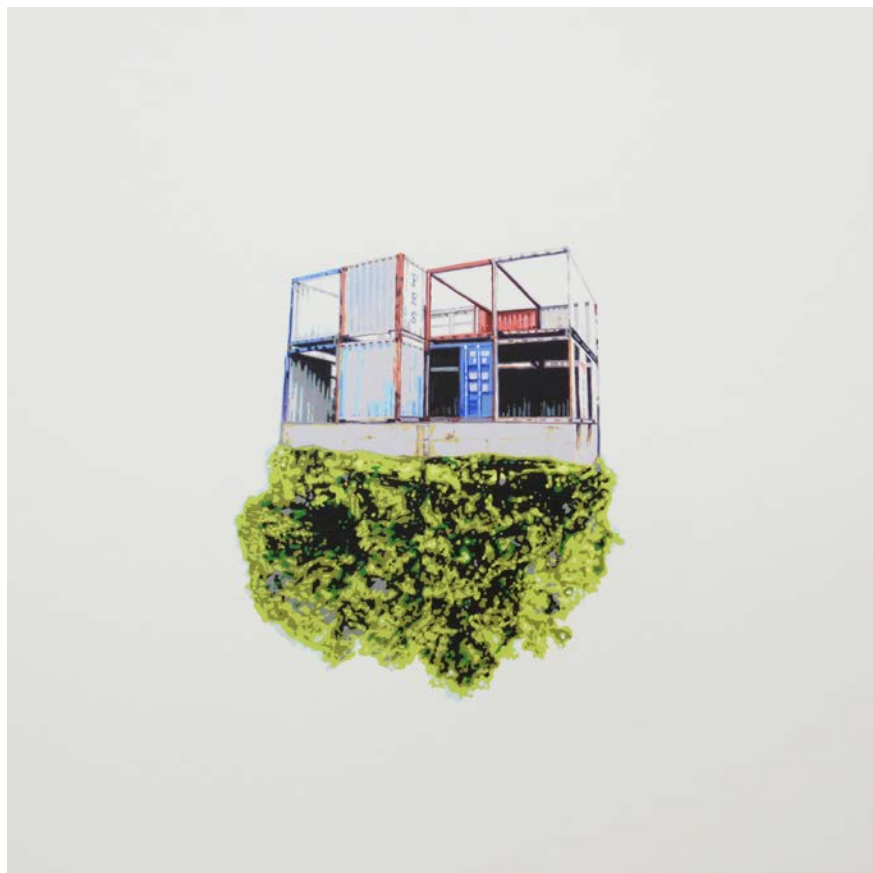


Figura 5 · Gabriel e Gilberto Colaço, 2016,
Alinhamento 6, acrílico sobre papel, 50 x 50cm.
Fonte: Fornecida pelos artistas.

dentemente da distância entre eles. E é assim que uma equipa de exploradores espaciais é enviada na missão mais importante da História humana: entrar num desses portais e encontrar um mundo onde a vida possa prosseguir.

Um dos valores de maior referência no filme é a forma como é apresentado o conceito de "Dilatação de Tempo" e as realidades paralelas que daí advêm. O exercício de observação e interpretação da obra dos artistas, por si só, são um desvelar da dicotomia temporal da relação entre duas dimensões. Mais um conceito que se introduz na visualidade da representação procurada por Gabriel e Gilberto. Ao mesmo tempo que olhamos para a representação da natureza na parte superior da ilha, nunca perdemos a história apresentada no *Mundo Invertido* na parte inferior. Em simultâneo fazemos leituras, sem que nenhuma delas possa acontecer isoladamente.

Assim, Gabriel e Gilberto apresentam de forma sistemática e modular em cada uma das peças, diferentes possibilidades de mundos paralelos nas suas criações pictóricas, a partir dos meios operativos e processuais inerentes à pintura para a representação dos seus universos. No processo pictórico visam sempre acentuar a importância de um pensamento plástico e sistemático na criação das formas apresentadas, em intimidade com a racionalização teórica e especulação científica, contextualizando a intuição e descoberta de novos significados na imagem retratada. Está sempre latente a necessidade de criar uma lógica conceptual e clara, criando sistemas percetivos caracterizados pela forma de manipular a ordem do entendimento dos diferentes níveis de representação, gerindo e pensando na forma como devem ser apresentados, como dialogam entre si ou interagem com o observador.

O observador é, portanto, o responsável último da própria representação/interpretação.

Gabriel e Gilberto Colaço, nasceram em 1975 na Nazaré e são naturais de Benedita, Alcobaça. Atualmente Gabriel vive e trabalha em Alcobaça e Gilberto vive e trabalha em Lisboa. No ano de 2002 ambos concluíram o curso de Artes Plásticas — Pintura, na Faculdade de Belas Artes do Porto. E em 2005, efetuaram a pós-graduação em Desenho na Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Desenvolvem o trabalho essencialmente sob o suporte do desenho, pintura e a instalação, tendo como referências e interesses, o retrato e a identidade, arquitetura, o espaço Natural e o espaço Humano.

Das várias exposições realizadas, destacam-se, 14 fragmentos contemporâneos II — Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil (2005), Bios, Galeria Pedro Serrenho, Lisboa (2003), New Skins, Galeria Alvarez, Porto (2007) "Gabriel & Gilberto Colaço + Nick Rodrigues", Rhys Gallery, Boston, EUA

(2007), *Large formats*, Alejandra Von Hartz Gallery, Miami, EUA (2007), *Sets #3* — Galeria Ramis Barquet, Nova Iorque, EUA e Monterrey, Mexico (2008), *Start*, Galeria Zaum Projects, Lisboa (2008), *Abre-Alas*, curadoria de Beatriz Lemos, Felipe Scovino, Guga Ferraz, Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2010), *2View*, Lugar do Desenho, Fundação Julio Resende, Gondomar, Portugal (2013), *Entre*, Galeria Jaime Portas Vilaseca, Rio de Janeiro, Brasil (2013).

Destacam-se também alguns prémios ao longo do seu percurso, 1º. prémio — Concurso Nacional de Fotografia Casa da Juventude — Póvoa de Varzim (2002), 1º. prémio de pintura, Aveiro jovem criador 2003, Aveiro (2003), 1º. prémio de Pintura- IX Prémio de Pintura e Escultura D. Fernando II, Sintra (2005), 1º. prémio — Prémio de Pintura, Herdade do Esporão e Diário de Notícias (2005), 1º. prémio — “Arte e Espiritualidade”, Ministério da Cultura, Cordearia Nacional, Lisboa (2006).

Referências

Carrere, Alberto, Saborit, José, *Retórica De La Pintura*, Madrid, Cátedra, 2000.

Felten, Peter (2008) *Visual Literacy*. Journal Of American History, Novembro/Dezembro, Vol 94 N°1.

Lyotard, Jean-François (1990), *O Inumano. Considerações Sobre O Tempo*. Lisboa: Estampa.

Platão (2006) *A República* (Livro VII). São Paulo: Edipro.

Ponty, Merleau (1992) *O Olho E O Espírito*. Lisboa: Vega.

Thorne, Kip (2014) *The Science Of Interstellar*. Nova Iorque: W.W.Norton & Company.

Todorov, Tzvetan (1998) *Simbolismo E Interpretação*. Póvoa Do Varzim: Edições 70.